



## **A FAMÍLIA BERNARDO-GLORIA-FAUSTINO: ORALIDADE, MEMÓRIA ANCESTRAL E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA**

OLIVEIRA, Luís Cláudio de

*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO*  
*luisclaudiooliveira@hotmail.com*

75

### **RESUMO**

Este artigo é parte das reflexões de minha tese de doutorado cujo objeto de investigação é a rede familiar Bernardo-Gloria-Faustino, que tem sua principal configuração na cidade de Rio Claro, distante cerca de 120 km da capital do Rio de Janeiro. Desde 2006 o grupo familiar passou a se organizar em torno da realização de encontros anuais que mobilizam centenas de parentes com os fins centrais de relembrar o passado, celebrar a memória dos seus ancestrais e transmitir tradições às gerações atuais e futuras. A pesquisa etnográfica e de cunho histórico busca analisar ações que parecem contribuir para a objetivação de um novo *ethos familiar* do sujeito negro brasileiro. O objetivo neste artigo é refletir sobre a importância da oralidade e da reconstrução de espaços míticos, por meio da memória, na sustentação do discurso que prima pelo reconhecimento de uma identidade familiar permeada pela afirmação de uma identidade afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Família afro-brasileira. Identidade. Memória

### **ABSTRACT**

This article is part of the reflections of my doctoral thesis which investigation object is the familiar web Bernardo-Gloria-Faustino, that has its main configuration at the city of Rio Claro, distant about 120 km from the capital of Rio de Janeiro. Since 2006 the familiar group began to organize itself around the realization of annual meetings that mobilize hundreds of relatives with the central goal of remember the past, celebrate the memory of their ancestors and transmit traditions to the present and future generations. The ethnographic and historic research seeks to analyze actions that look to contribute for the objectification of a new black Brazilian persons' *ethos familiar*. The objective in this article is to reflect about the importance of the orality and of the reconstruction of mythic spaces, by memory, in sustentation of the speech that excels by the recognition of a familiar identity permeated by the affirmation of an Afro-Brazilian identity.

**Key-words:** Afro-Brazilian family. Identity. Memory.



## I. Introdução

Em 2002 tive a oportunidade de trabalhar numa pesquisa cuja finalidade era caracterizar comunidades tradicionais quilombolas no estado do Rio de Janeiro. A partir de inferências na região do Vale do Paraíba Fluminense, mais especificamente nas cidades de Rio Claro, Angra dos Reis e Paraty, considerei a hipótese da permanência de grupos familiares, descendentes de escravos, em localidades desta região, não na condição de remanescentes de quilombos, mas de famílias tradicionais, além de unidos por consanguinidade, também pela valorização e transmissão de práticas tradicionais comuns, criadas durante o tempo do cativo e no período posterior à emancipação. Finda a pesquisa dois anos depois, retornei a algumas cidades da região, especialmente a Rio Claro, e passei a recolher dados sobre uma rede familiar determinada, os Bernardo-Gloria-Faustino, que desde 2006 se organiza em torno da realização de encontros anuais mobilizando centenas de parentes com os fins centrais de relembrar o passado, celebrar a memória dos seus ancestrais e transmitir tradições às gerações futuras.

Na primeira parte deste trabalho são apresentadas algumas características da rede familiar em estudo quanto ao seu contexto sócio-histórico e territorial. Em seguida, são apontadas evidências de como a construção da identidade familiar do grupo tem sido fecundada por referências positivas a sua ancestralidade, referências estas mediadas pela transmissão oral de valores e tradições sedimentados na memória dos seus integrantes, crescentemente transformados em mecanismos eficientes de fortalecimento de uma memória coletiva. Recorro aos dados obtidos durante a observação participante nos diferentes acontecimentos que envidam a convivência social nas *configurações familiares*<sup>1</sup> integrantes da rede. Outros elementos metodológicos da pesquisa são o acompanhamento dos próprios encontros e a consulta a documentos cartoriais (certidões de nascimento, casamento e óbito) e eclesiásticos (livros de batistério), mais especialmente nas cidades de Rio Claro, Angra dos Reis e Volta Redonda.

Concluo procurando demonstrar o que seria a retomada, de parte do grupo, de determinadas práticas tradicionais de organização territorial e convívio social fincadas na memória, por meio da análise de um acontecimento marcante para esta reflexão.



## II. Os Bernardo-Glória-Faustino e a localidade

O censo demográfico dos Bernardo-Glória-Faustino, consolidado em março de 2013, dá conta de 895<sup>2</sup> membros de consanguinidade direta e indireta com a primeira geração, por linhagem paterna, de descendentes de famílias desterradas do continente africano, apartadas e transformadas em mercadoria na América, provavelmente desembarcadas em Porto Bracuí (Angra dos Reis)<sup>3</sup>.

Surgidos ao final da segunda metade do século XIX, no Brasil Imperial e escravocrata, constituem objeto da investigação a linhagem, ou o “tronco”, dos Glória, iniciado por Benedito Glória e Maria Graciana; o “tronco” dos Faustino, que tem em Faustino José Deoduque e Petronilha Maria da Conceição os seus ascendentes; e o “tronco” dos Bernardo – que inclui o autor desta tese, em quarta geração –, proveniente da união de Manoel Bernardo da Silva e Serafina Maria da Conceição.

É recorrente entre os integrantes mais antigos do grupo que a origem dos três “trancos” está ligada a um momento indeterminado, em fins do século XIX, em que os três patriarcas imigrantes de São Paulo teriam se instalado e criado família na região onde se encontra a cidade de Rio Claro. Os Glória, conforme o depoimento de Laurinda Maria da Glória, a “tia Laurinda”, falecida a 23 de agosto de 2009 aos 97 anos, foi iniciado por seus pais, filhos de escravos de uma fazenda da qual não lembrava o nome, na cidade de Bananal<sup>4</sup> (Entrevista: Laurinda Maria da Glória, jul, 2007).

<sup>1</sup> Adoto este termo para designar as diferentes localizações territoriais sempre referenciadas ao “ponto zero”, na cidade de Rio Claro (sobre isto ver: DUARTE & GOMES, 2008).

<sup>2</sup> Foi realizada uma contagem geral dos indivíduos, apenas os que possuem ascendência por consanguinidade, desprezando-se os esposadores. O censo foi aplicado com o auxílio dos dirigentes da Associação da família, antes e durante o Encontro anual de 2013.

<sup>3</sup>No antigo porto clandestino, situado nas terras da antiga fazenda Bracuí, uma das várias propriedades de José Joaquim de Souza Breves, considerado o maior escravagista do Brasil, encontra-se instalado atualmente o Porto Marina Bracuhy, um condomínio de alto padrão construtivo. Atravessando-se a rodovia que liga as cidades do Rio de Janeiro a Santos, em São Paulo, na parte oeste da localidade, lado oposto ao do Condomínio, encontram-se estabelecidas duas comunidades tradicionais, uma a Aldeia Guarani Sapucaí, a outra de quilombolas, que se autodenomina “comunidade remanescente de quilombos Santa Rita do *Bracuí*”. Pelo porto do Bracuí, no século XIX, entraram ilegalmente alguns milhares de africanos transformados em escravos no Vale do Paraíba para o trabalho nas fazendas de café, então principal produto da pauta de exportação do Brasil. O último desembarque ali, de mais de 500 negros de Moçambique, em 1853, foi alvo da repressão do estado imperial e ficou conhecido na imprensa como “O caso do Bracuí” (C.f. ABREU: 1995, p. 167).

<sup>4</sup> “Cidade com vários atrativos naturais e inúmeros casarões em estilo colonial que até hoje são encontrados no centro histórico e nas grandes fazendas. No passado, foi a principal via de escoamento das Minas Gerais para o porto de Parati (RJ). Durante o ciclo cafeeiro, Bananal experimentou o esplendor de ser uma das cidades mais ricas do Brasil, onde seus fazendeiros avalizavam empréstimos da Inglaterra para o Governo Brasileiro” (Disponível em: <http://www.caminhosdacorte.com.br/bananal.html>. Acesso em 14/07/2014).



O principal “lugar de memória” (NORA, 1993) do grupo é no atual Morro do Estado<sup>5</sup>, situado atrás da Vila Velha, bairro que deu origem a cidade de Rio Claro, em torno da capelinha em homenagem a São José. Entretanto, a rede familiar dos Bernardo-Glória-Faustino, criada na esteira dos deslocamentos territoriais de ex-cativos, subsequentes à abolição da escravatura, foi pouco a pouco se espalhando para as cidades de Barra Mansa, Angra dos Reis, Volta Redonda, Vassouras, Pirai, Brasília, Recife, Rio de Janeiro, Seropédica, Guapimirim, São Paulo, Cuiabá e Buenos Aires, na Argentina.

## II.1. Dispersão e encontros

O sistema de produção conhecido como *colonato*, estrutura social que surgiu em meados do século XIX e se intensificou quando a abolição pôs fim ao já decadente ciclo do café, açambarcou substantivamente os ex-escravos. Em uma economia de subsistência, os donos da terra, herdeiros da cultura escravista, passam a possuir colonos que, a troco da *meia* ou da *terça*, moravam em pequenas áreas dentro da fazenda, agora não mais do “senhor”, mas do “coronel”. Esses colonos produziam para si e sustentavam a família do proprietário. Porém, com a desestruturação mediante a introdução da carteira de trabalho na zona rural, os proprietários, com medo das indenizações e de perderem suas terras, expulsaram essas famílias de colonos, obrigando-as a procurar novos locais de moradia (KOWARICK, 1987). Esta situação está diretamente relacionada com uma *segunda onda de dispersão*, sucessiva à *primeira onda* instaurada com a decretação do fim da escravidão. A *onda* do século XIX implicou num intenso movimento no meio rural; na *onda* do século XX prevaleceu o êxodo para as cidades. A *segunda onda de dispersão* gerou as condições geográficas em que o ambiente afetivo aproximou as patrinhagens dos Bernardo, os Glória e os Faustino.

No caso dos Bernardo-Glória-Faustino, aquele contingente de trabalhadores rurais completamente analfabetos e sem nenhum recurso se estabeleceu em Lídice, Passa Três e Rio Claro. Especificamente este último, o distrito-sede, concentrou a maioria dos indivíduos que viriam a compor a trilhaagem em estudo.

---

<sup>5</sup> Com uma área de aproximadamente 03 alqueires (145.000m<sup>2</sup>), recebeu esta denominação quando o governo do Estado do Rio de Janeiro (década de 60) lá construiu uma estação de tratamento de água para melhorar o abastecimento da cidade.



Manoel Bernardo, nascido em 1892, primogênito da segunda geração do iniciador do “tronco” dos Bernardo, *Manoel Bernardo*, se arranchou inicialmente em Lídice, nas terras da fazenda Santana à margem esquerda do Rio do Braço, na condição de colono, lá constituindo família, gerando quinze filhos (Madalena, Paulo, José, Cecília, Manaceis, Bernadete, Antonio, Teresa, Glória, Bernardo, Frain, Raquel, Laura, Rafael e João). Posteriormente, em busca de melhores condições para a sua reprodução social, a menor parte da linhagem dos Bernardo se desloca para Angra dos Reis, Barra Mansa e Rio de Janeiro, enquanto a maior parte se desloca para a Serra dos Coelhos, em Rio Claro, instalando-se na Fazenda Pinheiros, onde já viviam, na condição de colonos, três dos demais descendentes da segunda geração dos Bernardo (Maria do Rosário, Maria das Dores e Mario). É onde são agenciados os primeiros matrimônios, nas duas primeiras décadas do século XX, com os descendentes (Ernesto Gloria, José Alves e Benedito Vitorino) da segunda geração do iniciador do “tronco” dos Glória, *Benedito Glória*. Neste período, também acontecem os primeiros enlaces com os descendentes (Aristides, Manoel, Antônio, Benedito, José e Irineu) do iniciador do outro “tronco”, *Faustino José Deoduque*.

Seja pelo desejo de superação dos traumas decorrentes dos maus tratos a que eram submetidos na fazenda, seja pela ausência das condições materiais mínimas para a sua reprodução social, esses lavradores, em face da decadência econômica das fazendas, transferem-se para o Morro do Estado, no bairro Vila Velha, onde efetivamente são agenciados casamentos entre os três “troncos”, dando início a um longo processo de intercâmbios matrimoniais que se estendem aos dias atuais.

Na década de 1930, os Glória fundam a principal configuração sob sua predominância ao sopé do Morro do Estado, onde atualmente é a rua Ernesto gloria, uma homenagem prestada pelos poderes públicos locais na década de 1980. A configuração de predominância dos Faustino se mantém, na atualidade, mais ao alto no Morro do Estado.

É na Vila Velha, demarcação nominal e simbólica do que é tradicional para os Bernardo-Gloria-Faustino, que desde 2006 as parentelas passam a discutir e planejar a organização de um encontro que pudesse reunir todos os seus membros.



## II.1.2. Florescimento de encontros de memória

Em razão de os Bernardo-Glória-Faustino constituírem rede familiar extensa, coexistem no mesmo bairro várias casas intervaladas por outros imóveis incomuns à rede. Ainda assim, parentes e agregados representam o “lugar” como próprio. Nos escritos de Duarte e Gomes (2008, p.169) “a combinação família-casa se soma a bairro ou localidade como categoria significativa, que os seus integrantes tomam como referência”. Deste modo, chamou a atenção o formato das primeiras e igualmente das próximas reuniões, realizadas nos “quintais”<sup>6</sup> das casas dos mais antigos (DUARTE & GOMES, 2008, p.171), com a finalidade de organizar um grande encontro festivo reunindo todos os parentes. A cada reunião era perceptível a ampliação progressiva do fluxo de pessoas, efetivamente participantes ou não, homens e mulheres de idades variadas e crianças, denotando o movimento que se instalava no interior de toda a rede familiar.

Em pouco mais de um ano acontecia o primeiro de uma série de oito subsequentes “Encontros da família BGF<sup>7</sup>”, como se passou a denominar o evento anual, com média aproximada de trezentos participantes. No terceiro encontro, realizado no mês de julho, como nos dois encontros precedentes – e o que seria deliberadamente transformado numa tradição a ser mantida para os encontros posteriores – um fato viria a intensificar a gula intelectual do observador. Em julho de 2009 surgia a AFABGF – Associação da Família Bernardo-Glória-Faustino<sup>8</sup>, com o propósito de congregar e reforçar os laços familiares, estimulando a solidariedade entre os membros da família; conhecer as suas origens no Brasil; implantar o cadastro da família; promover condições para a realização de encontros nos locais onde se encontram familiares; e praticar autoajuda material e espiritual.

Durante as reuniões de preparação para o segundo encontro, ocasião em que foi propositalmente difundida pelos organizadores a intenção de “institucionalizar” o movimento, portanto conferir-lhe um caráter jurídico, notou-se o uso largamente empregado dos termos “lembrança” e “memória”. Invariavelmente, todos os parentes que usavam os termos confluíam para a preocupação de “resgatar” a história da família.

<sup>6</sup> O termo é utilizado pelos autores para identificar “um modelo representativo de organização e representação das relações familiares presentes nas camadas populares”. (C.f. p. 171).

<sup>7</sup> O oitavo Encontro aconteceu nos dias 19 e 20 de julho de 2014, pela segunda vez consecutiva na cidade de Seropédica, configuração prevalente dos Glória.

<sup>8</sup> De acordo com o estatuto da Associação da Família Bernardo-Glória-Faustino – AFABGF, capítulo II, artigo 3º, registrado sob o nº 20.664.839/0001-31, com abertura em 2009.



Similarmente, expressou-se a preocupação com os bens patrimoniais materiais e imateriais da família. Não parece ser por outro motivo que na manhã de domingo, reservou-se na programação do encontro um passeio à *usina*, não pela rodovia, mas pela “estradinha”, a estrada de terra que é o tradicional caminho que ligava o centro de Rio Claro aos seus arredores especialmente ao rio do Braço, onde viveram às suas margens duas gerações dos Bernardo. No local onde fora erguida a casa do patriarca Manoel Bernardo já não se encontra mais que os pálidos vestígios, quase totalmente corroídos, tomados pela mata, da estrutura em madeira do velho paiol onde eram depositados alimentos cultivados e ferramentas empregadas na agricultura.

Contudo, ninguém entre os presentes ao passeio desconhecia que já não se mantinham o paiol, a casa, o galinheiro ou quaisquer benfeitorias no lugar. O que se buscava naqueles momentos entremeados de riso e silêncio, era tão somente “lembrar”. Aquele espaço era em si o testemunho que sedimentam recordações, registram informações de tempos passados que precisava entrelaçar-se na memória dos visitantes para lhes recontar a história daquele lugar, “lugar de memória” quando a “imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p.21).

A memória dos visitantes estava ali estratificada. As histórias que corriam soltas deslocavam do passado os momentos vivenciados naquele lugar, ou mesmo em Rio Claro - mas que constantemente atravessavam uma e outra recordação –, estavam todos impregnados no meio, sedimentados na saudade. Instante a instante alguém apontava o “lugar onde tinha o cafezal”, o “lugar onde tinha a ponte”, o “lugar onde tinha o banheiro... aqui era a cozinha”. Da memória do real e do imaginário de cada indivíduo e do coletivo ali absorto, renascia o passado, porque “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (Idem, p.9). Houve parentes que confidenciaram ter realizado esforços financeiros, mas que se sentiam compensados só por aqueles momentos na *usina*. Referem-se não ao empreendimento comercial da terceira década do século XX, implantado no Rio do Braço cerca de dez quilômetros acima do assentamento dos Bernardo, mas a usina como referencial simbólico que reúne as lembranças dos períodos festivos, que serviam ao reencontro dos quinze filhos do casal Bernardo e Emília, sobretudo aqueles que haviam migrado para a capital.



## II.2. Espaço e história

Rio Claro, que desde o princípio tornou-se o principal campo da pesquisa, destaca-se pelo potencial hídrico e pela diversidade natural, com áreas da Mata Atlântica, grande variedade da fauna e flora. Está situada no extremo oeste fluminense, na Região do Vale do Paraíba, sendo integrado, além do distrito sede, pelos distritos de Lídice, Passa Três, São João Marcos e Getulândia. O acesso se dá pela RJ-155, que alcança Angra dos Reis, a sudoeste, e Barra Mansa, a noroeste. Entre os maiores municípios do estado do Rio de Janeiro, com 837,3km<sup>2</sup> de extensão, possui 17.425 habitantes (IBGE, Censo, 2010).

A origem está diretamente ligada à história do desenvolvimento do Sudeste brasileiro, especificamente aos ciclos econômicos do ouro, pujante durante o século XVIII, e do café, que tem o seu apogeu no século seguinte (SALES, 2008). Mas, com a abolição da escravatura e o deslocamento da cultura do café para as terras de São Paulo a economia da zona cafeeira fluminense sofreu forte abalo, sendo que em Rio Claro as fazendas de café se transformaram em pastagens para criação de gado leiteiro (PAULA, 2007).<sup>9</sup>

Foi nas cercanias das fazendas que comercializavam concessões para pastagens, mantendo uma agricultura de pouca vitalidade, que muitas famílias de ex-escravos, como os Bernardo-Glória-Faustino, se instalaram na condição de trabalhadores livres, porém sem qualquer tipo de garantia contratual que os colocasse no grau mínimo de cidadania. Como se sabe, a abolição tardia no Brasil, último país das Américas a oficializar o fim desse sistema econômico, não foi acompanhada de qualquer política do Império ou da República, no pós-emancipação, que promovesse a transição para o capitalismo industrial com atenção às vastas convulsões e transformações sociais dela decorrentes.

A propósito, o que os estudos de Cooper, Holt e Scott (2005) detectam em relação a esse processo de transição nas colônias britânicas, Estados Unidos, Cuba e África central se repete, de forma igualmente dramática, no Brasil. Para as primeiras gerações “a libertação dos escravos não provocou nenhum rompimento assim radical com o passado. Na verdade, há muito tempo a manumissão dos escravos era parte integrante do próprio gerenciamento da mão de obra

<sup>9</sup> Embora a sua economia atualmente seja baseada na pecuária, avicultura e artesanato, seus moradores vivem entre as duas capitais com o maior PIB do país, há 120km da cidade do Rio de Janeiro e 270km da cidade de São Paulo (IBGE, Censo, 2010). Isto ajuda a explicar porque os Bernardo-Glória-Faustino que migraram em busca de melhores possibilidades de reprodução e ascensão social, o fizeram principalmente para estes dois eixos.





escrava” (2005, p. 91)<sup>10</sup>. Situação condizente, a emancipação no contexto brasileiro configurou-se numa alforria em larga escala.

Em Rio Claro, todos os relatos dos mais velhos apontam para a situação traumática dos maus tratos a que foram submetidos, eles mesmos e os seus pais e avós, em atividades laborativas nas antigas fazendas escravistas, seja antes ou após a abolição.

Américo Vidal, nascido em 1921, órfão desde a infância – até hoje usa “remédios de mato e nunca de farmácia” –, trabalhou na fazenda Pinheiros no mesmo período que Maria das Dores (Bernardo da segunda geração). Evidencia que as práticas sociais cristalizadas na escravidão teriam perdurado nas fazendas da região para bem depois da abolição.

Fui criado sem pai e sem mãe, que trabalhava na fazenda e não chegou a ser escrava, mas era escrava do mesmo jeito, porque nós miúdo não tem vez:– Ah, tá chovendo! E o capataz dizia a nós, miúdo, que chuva não quebra osso. Fui pegado de vaca umas quatro vezes, café de cavalo, trinta e cinco anos caboqueiro, enfrentava cobra descalço.... vim pra Rancho Grande garoto ainda, depois que minha mãe morreu na Fazenda dos Coqueiros, do falecido Coronel Pedro Anjo, pra cima do Bananal. Agente nem tava formado, e já tinha ido pra Fazenda das Antinhas. Naquele tempo, nós não vestia a roupa de hoje... Hoje agente veste roupa de coroné. Naquela época agente vestia roupa na base da troca no baralho, não havia nota. Adispos que surgiu o dinheiro. O coroné reunia todo mundo e fazia os pagamento da “turma”, com trinta a quarenta homi. Tinha venda na fazenda, que todo mundo comprava roupa, gastava o ordenado na fazenda. Naquela época, era muito triste [...], a gente saía de noite e voltava de noite [...] pegava seis e largava sete hora, só parava pra comer (Entrevista: Américo Vidal, Volta Redonda, 03 abr 2012).

Cecília Getúlio, quarta geração dos Bernardo entrelaçada com os Glória, diz-se realizada em ter trocado o bairro da Vila Velha em Rio Claro, onde viveu a infância e parte da juventude, pelo bairro onde mora atualmente com as duas filhas e uma neta, no Jardim Zaira, na cidade de Mauá, grande região do ABC paulista.

A família toda trabalhava na fazenda do João Zig [Zigmann]. Ele não tratava a gente bem não. A gente não podia pegar uma goiaba, laranja então nem pensar. Se a gente pegasse ele mandava soltar os cachorro pra pegar a gente. A gente morava bem longe, descia na vila só quando era festa. Quando era festa a gente descia o morrão e ficava dois dias na casa da vovó, na Vila Velha. Trabalhavam na terra dois dos meus irmãos, o falecido Jorge e o Falecido

<sup>10</sup> Os autores, numa perspectiva de história comparada, analisam diferentes sociedades no período pós-emancipação (entre 1833 e 1946) no Caribe britânico, Cuba, Estados Unidos e África. Demonstram que mesmo com o fim jurídico da escravidão, o trabalho compulsório continua a ser um dado da realidade de toda a diáspora africana (COOPER, HOLT E SCOTT, 2005).



Brás, que ajudavam o papai. Tinha eu o Paulo, a gente era pequeno, que só dava pra levar comida prá eles. Minha avó, vovô Ernesto, trabalhava dentro da casa. [...] Até que meu pai saiu de lá e viemos pra cá [São Paulo]. Ele não aguentava mais ser escravizado (Entrevista: Cecília Getúlio, 17 jul 2012).

Fica igualmente evidente em suas lembranças de infância, o ambiente relacional que propiciava as manifestações afetivas entre “iguais”, ou seja, entre aqueles que se solidarizavam ante a violência das condições de trabalho nas fazendas. Esse ambiente relacional se estendia à escola, ao templo e a outros espaços de sociabilidade, como as festas públicas, e não incomuns, resultavam em escolhas matrimoniais pouco diversificadas. Assim, os troncos familiares em análise agenciaram matrimônios, uns com os outros, ao longo de gerações, como decorre ainda hoje.

### III. Ancestralidade e memória

A partir de dados coletados no âmbito da pesquisa torna-se possível explorar a relação entre ancestralidade, memória e território como Âncoras da identidade familiar em grupos que se autodefinem como “família afro-brasileira” ou “família negra”, tendo em vista que as ações empreendidas por esses grupos no sentido da elaboração de registros autônomos de sua história, como é o caso aqui apresentado, provocam questionamentos acerca da história oficial sobre negros e transmissão de valores por meio da família. Mais que isto, fazem pensar no que se passou no período imediatamente posterior à abolição no que refere às circunstâncias em que famílias de ex-cativos necessitaram reorientar-se face às transformações não só no mundo do trabalho, mas igualmente na forma de representar a si mesmas no universo das relações étnicas e culturais na sociedade capitalista. Quais teriam sido as respostas dessas famílias a esses novos cenários, especialmente quanto à transmissão, para as gerações futuras, dos valores que devem orientar o indivíduo na vida extra familiar? Qual é a importância da memória familiar de descendentes de escravos na recontextualização, *para si e para os seus*, da história oficial?

Registrar marcos, memórias e histórias sempre foi uma necessidade da humanidade. Marcas, legados, são pactos assinados entre homem, tempo e história. É fato que o tempo, no sentido de duração, como proposto por Bergson (1999), é berço e leito da história, estando aquém das possibilidades e garantias de retenção, senão pela memória. É fato, também, que diante dos riscos da imprevisibilidade do porvir, tememos içar âncoras. Não basta desejar ir ao



futuro, sem um passado para nos referir, nos informar, assim como são instáveis as pontes possíveis com o passado ou com o futuro se não acionamos as lembranças, como recurso a nos permitir assumir um lugar no espaço-tempo.

O autor alemão Andreas Huyssen (2004) analisa as evidências de um deslocamento, pelas sociedades mundiais, a partir dos anos 1980, do foco privilegiado no “futuro-presente”, como estava organizado o pensamento moderno, para o “passado presente”. Estaríamos em busca de fortalecer ancoragens que nos permitam posições mais seguras frente aos efeitos da reorientação de valores culturais, provocada pela desestruturação da modernidade, em razão da automação desenfreada e do uso globalizado de intensas redes de sociabilidade favorecidos pela disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação. Como sugerido pelo autor, por via desse comportamento estabelece-se um movimento de vivificação da memória, mecanismo certamente útil e indispensável ao diálogo com as subjetividades das novas gerações.

A Associação da Família Bernardo-Gloria-Faustino surge neste contexto, o que se expressa, inclusive, nos estatutos que a institucionaliza, de recriar referências positivas do passado para que os seus membros associados reconheçam a *si* mesmos na *sua* história familiar, em paralelo à “história oficial”.

A organização da família BGF traz à tona uma variável importante para o debate sobre estratégias utilizadas pelos indivíduos que coabitaram a *casa grande* e a *senzala* para a continuidade ou a reconstrução dos laços parentais, manutenção e transmissão de valores. Possivelmente, o que fazem os articuladores dessa organização familiar em rede é uma reinvenção dessas estratégias, por meio da memória, tornando a enfrentar um mesmo desafio: restabelecer laços afetivos afrouxados na malha do tempo, agora com recorte temporal no século XX, quando vários integrantes da rede provocam uma nova dispersão ou *terceira onda* do seu processo migratório, partindo de Rio Claro para diferentes pontos do país.

A partir do início dos anos 70, parte considerável dos Bernardo-Gloria-Faustino migrou, em busca de melhores condições para a sua reprodução social, para diferentes cidades brasileiras.

As pessoas saíram da Vila Velha para desenvolver um trabalho lá em São Paulo. O Sinésio, o Sinésio é da nossa família, foi o primeiro. E daí, aí foi indo todo mundo. Depois, foram outros primos, até chegar hoje... Hoje, praticamente, tem uma vila lá em Mauá. A maioria está lá, em Jardim Zaíra,



lá em Mauá. E foram outros depois, uns que nem são da família, mas foram também (Entrevista: Serafim Quintino, 07 jan 2009).

O Tiago fez História nessa universidade aqui, na Moacir Bastos, namorou um pouco por aqui, viajou uns tempos para Argentina e acabou que foi para fazer o mestrado, já tem sete anos. Naturalmente, com a ajuda da família da Paula, que ele se apaixonou e casou lá, passou a dar aula numa faculdade. Hoje é professor de História e tradutor (Entrevista: João Manoel da Silva, 07 jan 2013).

Essa dispersão se estende inclusive ao exterior – no caso Buenos Aires, onde vive o historiador Tiago Tenuta da Silva, filho de João Manoel da Silva (terceira geração dos Bernardo), este reeleito presidente da AFABGF em 2012. O reatamento dos laços de parentesco tem sido facilitado quando os articuladores do movimento acionam memórias que acompanham os migrantes em diferentes situações, como é o caso dos que partiram para São Paulo. Por lá, a atual geração dos Bernardo-Glória-Faustino recorreu à memória da configuração espacial no seu “lugar” de origem, Rio Claro, para a sua integração no novo contexto de experiências de integração social.

### **III.1. Espaço, memória e identidade**

É notável, especialmente entre os migrantes que se transferiram para o bairro Jardim Zaíra, no município de Visconde de Mauá, Região do ABC paulista, como a ocupação do espaço urbano se deu nos mesmos moldes da ocupação geográfica tradicional dos Bernardo-Glória-Faustino em Rio Claro. Ou seja, a construção de casas intervaladas no mesmo bairro onde a “família extensa” organiza atividades culturais, especialmente festas de rua que incluem o conjunto da comunidade circunvizinha.

Em fevereiro de 2013 permaneci por uma semana entre os Bernardo-Glória-Faustino “paulistas”, e, nas “rodas de conversa”, pude observar a reiteração de práticas culinárias ou de recepção de parentes, exatamente como aquelas presentes no território original. Pude igualmente observar o poder do discurso estruturado no apelo à memória, proferido pelos organizadores dos eventos anuais que reúnem a rede familiar, em galvanizar o sentimento de pertença do grupo a uma origem comum.

A instalação da parentela paulista exigiu uma reconfiguração espacial do lugar e de identidades, nos parâmetros também do que notou Pozenato (1990) em estudo sobre os



processos culturais que redundaram na formação da comunidade gaúcha, de Caxias do Sul, formada por imigrantes italianos no estado do Rio Grande do Sul.

Durante o processo de reconstrução cultural dos italianos, os traços diferenciais de outras culturas com as quais estes passaram a manter contato direto foram sendo paulatinamente absorvidos, e se tornando característicos da cultura que absorveu. Os símbolos transferidos de uma para outra cultura não são mais que signos, até que lhes sejam emprestados significados que tenham representação para a cultura que deles se apropria. Neste sentido, “toda interpretação é uma interpretação, uma leitura sempre sujeita a reexame, a reformulação, quer dizer, a leitura do significado é sempre um processo em aberto” (POZENATO, 1990, p. 13).

Em Jardim Nova Zaíra, o “solteiros e casados”, competição tradicional de futebol entre homens do bairro, que congregava inicialmente apenas os moradores do sexo masculino nos finais de ano, não demorou a ser acionada pelo grupo ocupante para instrumentalizar a sua convivência e dar vazão ao “desejo de confraternizar com os vizinhos”, como declara Odete da Silva, 74 anos, matriarca, casada com Sinésio da Silva, terceira geração dos Bernardo, falecido a 9 de abril de 1995, sepultado em Visconde de Mauá. Os Bernardo-Glória-Faustino passaram pouco a pouco a integrar o evento, até redimensioná-lo, adornando-o com uma inventividade própria, como a participação das mulheres na estruturação do evento, uma prática fundamental na vida familiar da rede Bernardo-Glória-Faustino. Uma fala da matriarca Odete resume a profundidade da aderência do grupo ao novo lugar:

Isso aqui, quando nós chegamos, era barro puro. Aqui era um sereno, noite e dia (...) que eu acordava cinco horas da manhã. Sinésio ia trabalhar e eu ficava olhando pro teto. Ai! Que vontade de ir embora... Mas hoje [referindo-se a atual sociabilidade], não. Hoje, quando eu vou lá, dá vontade de voltar, logo (Entrevista: Odete da Silva, 19 jul 2012).

O evento de rua mobiliza todas as unidades familiares correspondentes à *configuração* do grupo em Jardim Nova Zaíra, além de um grande número de outros moradores. A comunidade dedica parte significativa do seu tempo na preparação da “festa”, o que inclui a confecção de alimentos, objetos decorativos, brindes, souvenir, baile e, é claro, a organização das equipes do “novo”, solteiros e casados.



A interação com o ramo paulista da rede familiar começou por ocasião da realização do “Segundo Encontro da Família Bernardo-Glória-Faustino”, em julho de 2008. Naquele momento, teve lugar uma tensão imensamente relevante para a definição dos caminhos da pesquisa. O grupo de São Paulo, ao receber crachás, na mesa de recepção e identificação dos presentes, exigiu que fosse escrito o sobrenome Silva, e não Bernardo, como constava. A reação dos organizadores, após o desconcerto das adolescentes responsáveis pela recepção, variou da tentativa, frustrada, de um esclarecimento sumário ao silêncio, este que preponderou por dois anos consecutivos. Nas reuniões preparatórias subseqüentes volta e meia o assunto afligia os dirigentes da AFABGF, mas não se abria espaço para essa discussão junto aos “Silva”.

O que estava posto, então, era a vitalidade do argumento formulado pelos líderes do movimento de resgate da memória familiar dos Bernardo-Glória-Faustino. Isto é, o argumento dos “paulistas” se fundava no fato de que o matrimônio, no início do século XX, do patriarca Alexandre da Silva com a matriarca Maria do Rosário da Silva, segunda geração dos Bernardo, resultou na substituição parcial do sobrenome da esposa, que passou a chamar-se Maria do Rosário da Silva e, por via de regra, aos descendentes passou-se unicamente o sobrenome do esposo. Do ponto de vista formal, como seguem os registros em cartório, o sobrenome de ascendência materna fora suprimido. Assim, para o grupo migrante, cujos membros femininos que contraíram matrimônio também tiveram seus sobrenomes alterados, por exemplo, para Egídio, Conceição ou Eugênio, ramificando-se para o indeterminado, o sobrenome Bernardo já não tinha nenhum valor absoluto. A referência sentimental passou a concentrar-se na linhagem paterna.

Numa “roda de conversa”, nos momentos imediatamente posteriores à reunião preparatória para o Encontro de julho de 2013, durante o almoço coletivo em São Paulo, o tema da identidade dos “paulistas” retornava à cena principal. Muitas falas se emendavam, umas às outras, até que uma se sobrepôs, chamando a atenção dos presentes para o fato de que havia ali muitas pessoas com sobrenomes diferentes, mas mesmo assim estavam ali, reunidas, para planejar a festa da família (...) muitos nem ‘pertencem’ à família, mas são casados com pessoas da família e por isto se sentem da família. Então, se tem que botar o sobrenome de todo mundo [...], tinha que ter tudo que é sobrenome” (Entrevista: Antonio Carlos Eugenio, São Paulo, abril, 2013).



Alimentado o impasse, instalou-se um clima de euforia, que canalizaria a disputa de ideias em torno de dois pontos de vista. O primeiro, mesmo considerando fazer sentido a última intervenção do “primo do Rio”, continuava a defender o Silva como sobrenome preponderante sob o argumento da originalidade do patriarca Alexandre da Silva: “a partir do vô Alexandre é que tudo começou” (Entrevista: Ademar da Silva, São Paulo, abril, 2013). O outro ponto de vista focava a concepção dos articuladores do movimento que se fazia com o propósito de resgate da memória familiar, de responsabilidade dos familiares da linhagem materna.

O impasse só viria a ser definitivamente diluído no Encontro de julho de 2013, quando a condutora do cerimonial de abertura do evento, saudando as presenças dos familiares de cada tronco, ao citar os integrantes dos Bernardo, foi plenamente correspondida por todos os “paulistas”.

### **III.2. Memória e identidade étnica**

Ainda que os argumentos iniciais do núcleo mobilizador da rede familiar estejam voltados para o resgate dos laços de parentesco, também têm sido eficientes para manter e ressignificar a *identidade étnica* do grupo.

Aponho identidade étnica como decorrente de um processo identitário, embora não exatamente nos parâmetros de autores que apontam a “fragmentação das identidades” (HALL, 2004) como principal dano causado pela “mundialização da cultura” (ORTIZ, 2000) na pós-modernidade, expressa numa perda irreparável dos elementos que garantiam à identidade a sua fixidez.

Em Stuart Hall (2004), essa perda de lastro das identidades frente às mudanças de comportamento cultural, ensejadas pelas necessidades de acomodação a uma alteração simbólica na distância e no tempo, gera um colapso identitário. Com o advento dos meios modernos de telecomunicação o indivíduo alcança tal grau de autonomia que a sua identidade se torna híbrida. Vê identidade no sentido de uma construção permanente, porém afetada pelas transformações advindas com a globalização, dentre as quais a “descentramento” do indivíduo, uma quebra de paradigma sustentado pela visão iluminista. Para este autor, a convivência do ser humano em grandes cidades, portanto em ambiente exacerbadamente urbano, exige a construção de relações cada vez mais envolventes com uma multiplicidade de pessoas. Disto



decorre que o indivíduo que possuía fortes referências culturais baseadas nas suas tradições, inclusive, familiares, vai sendo aos poucos absorvido e integrado a um sistema complexo de identidades, tornando-se ele mesmo um indivíduo complexo.

Renato Ortiz refere que tal perda tem requerido uma reconstrução cultural num plano irreversivelmente cada vez mais amplo, tendo em vista que todos os grupos de identidades tradicionais sofrem influências de todas as partes do globo, dado a crescente interação entre os sujeitos. Do seu ponto de vista, os exemplos do cinema, da publicidade, da indústria fonográfica, da televisão e do rádio são significativos na medida em que indicam a existência de uma malha imprescindível para a mobilidade cultural. A circulação, princípio estruturante da modernidade, se realiza no seu interior (ORTIZ, 2000, p.58).

Ainda Hall (1997) considera que a identidade étnica vai se reconstruindo e reconfigurando ao longo do processo histórico. Define etnia “pelas características culturais – língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar – que são partilhados por um povo” (Idem, p.67), o que significa que não se pode entendê-la como algo estático, plenamente definido desde o início dos tempos. Segundo o autor, ao projetarmos a “nós próprios” nas identidades culturais, enquanto internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribuimos para vincular nossa subjetividade aos lugares objetivos que ocupamos na realidade sociocultural (Id, p.68).

A observação participante junto aos Bernardo-Glória-Faustino mostra que as suas ações dirigidas à afirmação de uma identidade étnica caminham num movimento que, de fato, confirma, porém relativiza essas interpretações.

A utilização da história oral como recurso teórico-metodológico foi decisiva para compor os discursos sobre a importância da AFABGF na vida de seus participantes, especialmente seus membros mais dedicados à organização institucional. Essa abordagem permitiu compreender os Encontros como espaços de sociabilidade, lugares privilegiados de recuperação e trocas da memória ancestral que cada participante traz consigo desde os marcos abstratos que sombreiam a origem deste coletivo, e, especialmente, de onde emerge, com grande espontaneidade, uma identidade com o passado e com os seus iguais já idos. Assim, a sociabilidade praticada nos Encontros se alimenta de memórias que revelam afinidades, dentre elas a percepção de possuir sentimentos em comum, como uma origem étnica que se deve orgulhar, apesar dos estereótipos que pesam sobre a imagem de ser negro no Brasil.





## Conclusão

Procurei demonstrar que a construção de identidades pode ser um desdobramento de iniciativas externas aos sujeitos se lhes é estimulado, por meio da memória, o sentimento de portar uma história singular na sua relação dialógica com o presente e o passado.

O que fica evidente no apelo dos articuladores da reorganização dessa rede familiar é que, em contraponto à ideia de *fragmentação do sujeito* em face da *descentralização da cultura*, o uso da memória como recurso para estimular a busca por uma origem comum tem papel fundamental na restauração das identidades familiar e étnico-racial, a primeira como aporte da segunda. Possivelmente tem-se nesta prática um caminho diferente, inclusive, daqueles que vem sendo trilhados pelos movimentos sociais negros mais tradicionais.

Como já se supunha a consulta à documentação cartorial revelou imensa dificuldade em chegar ao menos ao porto receptor de escravos, com vistas a descortinar nomes e identidades dos ancestrais anteriores à geração dos negros Manoel Bernardo, Benedito Glória e Faustino José Deoduque. Entretanto, as narrativas sobre os “primeiros” do tronco, e sobre os ícones das gerações seguintes, compõem um rico patrimônio oral lastreado pelos mapas imaginários dos seus descendentes, aqueles que com elas se identificam. A partir do compartilhamento desse patrimônio com outros “seus iguais”, avôs e avós, pais e mães, tios e tias reinventam a dignidade na sua história.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. O Caso Bracuhy. In: Hebe Mattos de Castro e Eduardo Schnoor (orgs.), *Resgate, uma janela para o oitocentos*, pp.165-195. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Tradução de Paulo Neves. 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.



COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca J. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DUARTE, Luiz F.D & GOMES, Edlaine de C. *Três Famílias: Identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2008.

ENTREVISTADO 01. Entrevista concedida a Luís Cláudio de Oliveira. Barra Mansa, Residência do Entrevistado, 02 fev 2009. Serafim

ENTREVISTADO 12. Entrevista concedida a Luís Cláudio de Oliveira. Vota Redonda, Residência do Entrevistado, 03 abr 2012. Américo

ENTREVISTADO 17. Entrevista concedida a Luís Cláudio de Oliveira. Visconde de Mauá, Residência do Entrevistado, 19 jul 2012. Odete da Silva

ENTREVISTADO 19. Entrevista concedida a Luís Cláudio de Oliveira. Rio de Janeiro, Residência do Entrevistado, 07 jan 2013. João Manoel da Silva

ENTREVISTADO 23. Entrevista concedida a Luís Cláudio de Oliveira. Visconde de Mauá, Residência do Entrevistado, 17 jul 2012. Cecília

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução de Sergio Alcides. Seleção de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010. Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa\\_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-8859-1&q=Rio+Claro+RJ&sa=ok&siteurl=www.ibge.gov.br%2F&ref](http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-8859-1&q=Rio+Claro+RJ&sa=ok&siteurl=www.ibge.gov.br%2F&ref). Acesso em 25 de outubro de 2012.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NORA, Pierre. Entre a Memória e História: A problemática dos lugares”. Tradução de Yara Aun Houry. In: *Projeto História*. São Paulo: dez, 1993.

ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo, Brasiliense, 2000.

PAULA, D. A. *História de Rio Claro*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal de Rio Claro, 2007.



POZENATO, José Clemente. *Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.